

10 Pintores no Salão

Pode-se considerar, grosso modo, que Clara Heteny e Eleonore Koch decorrem de uma "aproximação" com a pintura de Alfredo Volpi. Em Eleonore, essa influencia é assinalável; ela se deixou dominar por modalidades de trabalho do mestre. Clara, porém, só indutivamente terá acompanhado a fase de Volpi a que nos referimos. Pode-se considerar, entre as duas, que a pintura de Clara é melhor porque a materia é mais cuidada; sua experiencia libertou-se mais. Eleonore Koch necessita libertar-se, nietzschianamente: "Vademe-cum? Vadetecum", é a lição de Zaratustra ao seu discipulo. Por que ficar em torno de Volpi? Outro volpiano é Tomás Ianelli, com uma certa limpeza na factura.

Marianne Overbeck pinta com largueza; o quadro n. 51 nos recorda laivos da lição segalliana, com determinada linha mais pessoal.

Paulo Chaves contribui com dois quadros, inferiores ao conjunto que apresentou nas "Folhas" recentemente, e em que um formalismo truculento, com certa pressa de acabamento, não dá medida do pintor que ele é.

Mario Gruber Correia, de tantas indecisões na vida, perturba-do sempre, volta a expor. Seu melhor quadro é o das flores vermelhas, mas nos dois que apresenta o pintor se releva apenas um conhecedor do officio, não o artista que ele aspira, pois sabemos o quanto ama a pintura.

Os grandes nomes da pintura paulista presente não superam a brilhante demonstração que nos ofereceu Leopoldo Raimo, incontestavelmente colocado agora no alto de sua pesquisa, que procuramos destacar na exposição das "Folhas". É a pintura que se faz afinal uma íntima conexão entre a aspiração do pintor, seus recursos técnicos, sua sensibilidade apurada, sua intelligencia do problema. É uma pintura sobria e seria, com um colorido admiravelmente bem posto, e mesmo a pasta com que lida desce ou se eleva na tessitura sem hesitações e sem excesso.

Ao lado de Raimo, somente o lirismo intimista de Yolanda Mohalyi mantém a sua surdina condensada, a sua dosagem sabia e poetica. Há de Mohalyi um caso a citar nestes três trabalhos, a alegria do "dia de verão", é verão nesta muralha acesa, do quadro n. 89. A pintora admiravel conseguiu aqui nos apresentar um trecho novo de sua especulação interpretativa.

Felizmente, reconhecemos, de novo, a pintura de Aldo Bonadei. O artista recompõe, com uma persistencia que esperamos continue a illumina-lo, o seu desenho solido, a sua forte estruturacão. Não obstante a alegre coloração que flui dessa descoberta, as telas de Bonadei ainda estão longe da profundidade, da intensidade que ele já atingiu muitas vezes, e de que se transviara.

Manabu Mabe expõe bem no 8.º Salão. O Premio Leirner de 1958, em dois trabalhos de coloração bastante diversa, "Ilusão de azul" e "Pintura B", nos dá uma dimensão muito forte de sua arte, com a riqueza volutuososa de tons que harmoniza em amplo espaço, numa intelligente poesia que depende dos agenciamentos obtidos, e que insensivelmente se colocam á apreciação do observador. Ao intuitivismo de Mabe sobra uma sonhadora capacidade de visualização que faz arte de trechos os mais informes de cor e de luz.